

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

ARLETE DE SOUSA RODRIGUES

**O TEXTO LITERÁRIO COMO SUPORTE DA ANIMALIDADE HUMANA E DA
DEGENERAÇÃO SOCIAL EM MACUNAÍMA**

PICOS

2024

ARLETE DE SOUSA RODRIGUES

**O TEXTO LITERÁRIO COMO SUPORTE DA ANIMALIDADE HUMANA E DA
DEGENERAÇÃO SOCIAL EM MACUNAÍMA**

Artigo apresentado à Disciplina de trabalho de Conclusão de Curso II como requisito obrigatório para aprovação no Curso de Letras Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – CSHNB.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro

PICOS-PI

2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

R696p Rodrigues, Arlete de Sousa.

O Texto como suporte da animalidade humana e da degeneração social em Macunaíma./ Arlete de Sousa Rodrigues. – 2024.
35 f.

1 Arquivo em PDF

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Piauí, Picos. 2024.

“Orientação: Profa. Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro”

1. Literatura brasileira. 2. Macunaíma. 3. Crítica social. I. Rodrigues, Arlete de Sousa. II. Pinheiro, Cristiane Feitosa. III. Título.

CDD 869.41

Elaborado por Sérvulo Fernandes da Silva Neto - CRB 15/603



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE ARTIGO DE FINAL DE CURSO

Às 16h horas do dia vinte e seis de janeiro do ano de dois mil e vinte e quatro, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, do *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência da Prof.^a Dr.^a Cristiane Feitosa Pinheiro, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia sob a forma de artigo, de autoria da aluna **ARLETE DE SOUSA RODRIGUES** do curso de Letras desta Universidade com o título, **O TEXTO LITERÁRIO COMO SUPORTE DA ANIMALIDADE HUMANA E DA DEGENERAÇÃO SOCIAL EM MACUNAÍMA**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof.^a Dr.^a Cristiane Feitosa Pinheiro (orientadora –presidente), Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro (Examinador Interno – 1º examinador), Prof.^a Me. Janylle Torres Viana Vieira de Alencar Leite Lima (Examinadora Externa – 2ª examinadora) e Prof.^a Roseângela Ferreira Belo (Examinadora Externa – Suplente). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação do artigo, seguido de questionamentos pelos membros da banca. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, na mesma sala, sem a presença da avalianda e seus convidados. Apuradas as notas, verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral **10,0**. E, para constar, eu, Cristiane Feitosa Pinheiro, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 26 de janeiro de 2024.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Cristiane Feitosa Pinheiro

Prof.^a Dr.^a Cristiane Feitosa Pinheiro
Presidente da Banca/Orientadora – Universidade Federal do Piauí

Welbert Feitosa Pinheiro

Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro
Examinador Interno – Universidade Federal do Piauí

Alencar

Prof.^a Me. Janylle Torres Viana Vieira de Alencar Leite Lima
Examinadora Externa

Roseângela Ferreira Belo

Prof.^a Roseângela Ferreira Belo
Examinadora Externa / Suplente

O TEXTO LITERÁRIO COMO SUPORTE DA ANIMALIDADE HUMANA E DA DEGENERÇÃO SOCIAL EM MACUNAÍMA

Arlete de Sousa Rodrigues¹

Cristiane Feitosa Pinheiro²

Resumo:

Este artigo buscou realizar uma análise crítica da obra *Macunaíma* de Mário de Andrade, explorando as possíveis representações da animalidade humana e da degeneração social presentes na obra. Elegeu-se como objetivo geral analisar se houve a representação da animalidade humana na construção dos personagens, com foco em *Macunaíma* e, como objetivos específicos, caracterizar o comportamento animalesco através da apresentação da personagem *Macunaíma*; identificar passagens significativas que ilustram os temas em questão, e relacionar o papel das representações de animalidade humana e do lado degradante da humanidade na crítica à sociedade brasileira da época. A metodologia adotada nesta pesquisa consiste na utilização da abordagem qualitativa e exploratória, além da bibliográfica. A interpretação crítica de autores como: Candido (2006), Carpeaux (2008), Fernandes (2022), Nunes (2007), Sanches Neto (2019), Santos (2012), e outros, é aplicada para contextualizar os trechos identificados, relacionando-os com teorias filosóficas sobre a natureza humana e a sociedade. Esta análise buscou proporcionar uma compreensão aprofundada dos elementos literários e filosóficos de *Macunaíma*, contribuindo para a apreciação de sua relevância na literatura brasileira e na reflexão sobre a sociedade.

Palavras-chave: Animalidade humana; Crítica social; Degeneração social; Macunaíma.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o movimento modernista iniciou-se em 1922, e foi um período inovador para a época, pois buscou quebrar padrões e introduzir novos horizontes e possibilidades nas artes, sobretudo na literatura.

Com a chegada do Modernismo houve a inserção de uma arte polêmica e destruidora, essa arte rompeu com uma série de cânones, assim o grosseiro e o vulgar, tornaram-se os motivos centrais dessa estética.

Nesse sentido, Mário de Andrade, que foi um dos maiores nomes da literatura modernista, fez sua ficção girar em torno de dois núcleos: o universo familiar da burguesia paulista e o primitivismo de fundo folclórico e popular.

¹ Graduanda do Curso Letras/Português da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

² Doutora em Educação, Professora do Curso de Letras da Universidade Federal do Piauí - Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. Orientadora.

Macunaíma (1928), uma das suas maiores obras, se não a maior, tem como personagem principal o próprio *Macunaíma* ou “O herói sem nenhum caráter” que é outra forma como o personagem é conhecido; a parte do “sem nenhum caráter” explicita a característica mais marcante do anti-herói, que tem valores questionáveis e condutas próprias de um ser primitivo, imoral, animalesco e grotesco.

Quando se fala em *Macunaíma*, o leitor ingênuo pensa que se trata de uma obra cômica onde o personagem principal é definido como um herói, espertalhão e engraçado. Entretanto, ao ler a obra com um olhar um pouco mais atento, minucioso, percebem-se algumas características advindas do Modernismo, que são o grotesco, a imoralidade e a animalidade.

Essa obra-prima do modernismo brasileiro apresenta uma narrativa única e complexa que mergulha nas profundezas da alma humana, revelando a animalidade e o lado degradante da humanidade.

Logo, *Macunaíma* não se resume a apenas um personagem espertalhão e engraçado, como a maioria das pessoas pensam, ele foi criado dentro do Modernismo, período estético bastante conturbado, tendo como característica e objetivo o rompimento com a linguagem tradicional, destruição das velhas formas artísticas na literatura, música e artes plásticas.

Assim, percebe-se que há poucas discussões acerca dessa temática e perspectiva. Há, sim, diversas explorações e pesquisas acerca da obra, porém a maioria se trata da nacionalização e “brasilidade” do personagem principal, questões geográficas, entre outras.

Desse modo, notou-se a viabilidade de produzir uma pesquisa com ênfase na análise das características grotescas e animaisca presentes na obra e, principalmente, nas ações do personagem *Macunaíma*, que tem um caráter e moralidade fora dos padrões, em particular sua sexualidade excessiva e sem freio.

Nessa perspectiva, buscou-se responder à seguinte pergunta: De que forma a obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, apresenta a animalidade humana e o lado degradante da humanidade?

Para responder ao problema de pesquisa, elegeu-se como objetivo geral: Analisar a representação da animalidade humana, presente na construção dos personagens, em *Macunaíma* e, como objetivos específicos, caracterizar o comportamento animalesco através da apresentação da personagem *Macunaíma*; identificar as manifestações de animalidade humana na obra, a partir das

personagens e relacionar o papel das representações de animalidade humana e do lado degradante da humanidade na crítica à sociedade brasileira da época.

Metodologicamente, a natureza desta pesquisa se dá através da abordagem qualitativa e exploratória, além de ser bibliográfica.

Ademais, como referencial teórico foram utilizados os estudos de Candido (2006), Carpeaux (2008), Fernandes (2022), Nunes (2007), Sanches Neto (2019), Santos (2012) e outros que se sobressaem nos estudos sobre literatura, sociedade, filosofia e pesquisa.

2. DA ANIMALIDADE INATA À DEGENERAÇÃO SOCIAL - UMA PERSPECTIVA CRÍTICA EM TORNO DA OBRA MACUNAÍMA

A literatura brasileira é repleta de obras que mergulham nas nuances da natureza humana, desvendando as diversas faces que compõem o ser humano. Um exemplo marcante que se destaca nesse cenário é *Macunaíma* obra-prima escrita por Mário de Andrade e lançada em 1928.

Essa obra, do Modernismo brasileiro, traz consigo uma narrativa singular e complexa, explorando as profundezas da essência humana e revelando tanto a animalidade humana inata quanto a degradação social cultural.

Nesse tópico, sob a luz de alguns autores, iremos destrinchar o contexto histórico e literário, o autor, alguns conceitos fundamentais para a análise da obra e suas correlações filosóficas e sociais.

2.1 O cenário modernista e seus desdobramentos culturais

Para entender melhor essa correlação entre contexto histórico, literário e a obra, é necessário conhecer um pouco da estética modernista.

No início do século XX, deu-se início ao movimento artístico e literário denominado Modernismo que surgiu em meio ao caos social, em uma época bastante turbulenta, principalmente na Europa, que foi palco para a Primeira Guerra Mundial. Devido ao morticínio, à brutalidade, ao sacrifício de milhões de vítimas, além da ruína econômica, levaram o mundo e, principalmente a Europa, a uma crise de valores sociais e culturais.

Os padrões sociais, a moral, a filosofia, nada poderia explicar a violência e a desintegração que impregnavam a realidade. Essas crises sociais favoreceram o desenvolvimento de uma arte polêmica e destruidora, essa arte rompeu com uma série de cânones e por isso recebeu o nome de vanguarda.

Dentro desse contexto, surgiram múltiplos grupos de artistas que extrapolaram as fronteiras formais e temáticas da arte, questionando até mesmo a capacidade da arte em transmitir mensagens, resultando no nascimento de diversas vanguardas. Esse período foi repleto de quebras de padrões e inovações, conforme aponta Gonzaga (1993, p. 157):

Neste contexto turbulento, os vários grupos inovadores multiplicaram, levando suas ousadias formais e temáticas até a negação da possibilidade de a arte comunicar qualquer coisa. Constituíram-se muitas “vanguardas”. No conjunto, não legaram obras-primas, mas contribuíram para liberdade de expressão e para a pesquisa estética.

No Brasil, destacaram-se duas dessas vanguardas: o Futurismo e o Dadaísmo. Assim, esse movimento teve como características gerais o anticonvencionalismo dos temas e da linguagem, liberdade de expressão, incorporação do cotidiano, ambiguidade, linguagem coloquial, destruição dos nexos, verso livre, dentre outras coisas.

Outra característica é a valorização do cotidiano e as aventuras por ele, que isso leva o artista a romper com os esquemas da vida burguesa e então se descobre o folclórico e o popular, acima de tudo o artista toma consciência de que todos os objetos e características podem se tornar literários e artísticos. A linguagem literária também não iria ficar de fora dessas alterações. A maioria das obras continham linguagem coloquial ou regional, conforme menciona Gonzaga (1993, p. 162):

Este *anticonvencionalismo temático*, esta dessacralização dos conteúdos encontra correspondência na linguagem. Além das inovações técnicas, a *linguagem torna-se coloquial, espontânea*, mesclando expressões da língua culta com termos populares.

Logo, os artistas modernistas se libertaram da escrita culta, passando a admitir erros e traços da linguagem regionalista em seus escritos.

O Modernismo iniciou-se na primeira década do século XX, porém no Brasil, o marco inicial dessa corrente foi a Semana de Arte Moderna de 22, conforme aponta Candido (2006, p.124):

A Semana da Arte Moderna (São Paulo, 1922) foi realmente o catalisador da nova literatura, coordenando, graças ao seu dinamismo e à ousadia de alguns protagonistas, as tendências mais vivas e capazes de renovação, na poesia, no ensaio, na música, nas artes plásticas.

A Semana de 22 foi realizada em São Paulo e tinha como característica e objetivo o rompimento com a linguagem tradicional, destruição das velhas formas artísticas na literatura, música e artes plásticas, os próprios artistas estavam confusos e inseguros a respeito de seus projetos artísticos, visto que o início do século XX passava por muitas mudanças sociais, políticas e cultural, conforme menciona Carpeaux (2008, p. 2453-2454):

Para definir a vanguarda modernista falta mais um elemento; e este pode ser fornecido pelo papel que o imperialismo desempenhou depois de 1905 e 1914: rompeu o famoso Equilíbrio europeu, o político, o econômico, o social e, enfim, o equilíbrio espiritual em que se baseava a literatura de 1900. [...] O modernismo é, deste modo, uma literatura relativamente autônoma. Sofre com as dores do corpo inteiro e reflete as intervenções cirúrgicas que a guerra e a revolução representam.

Em meio a tantas mudanças sociais e políticas, criou-se o projeto modernista que, em síntese, buscava a desintegração da linguagem tradicional, adoção das conquistas das vanguardas e a busca pela expressão nacional.

Ao conhecer um pouco dos contextos histórico e literário nos quais a obra *Macunaíma* está inserida, é essencial compreender a importância desse fator na criação da obra, pois o conhecimento do ambiente histórico e literário no qual a obra foi concebida é crucial para a compreensão da obra em si e, por conseguinte, a construção dos personagens.

Após esse pressuposto, para entender como há a influência da sociedade na literatura e vice-versa, é necessário conhecer a teoria da Sociocrítica ou Crítica Sociológica de acordo com a visão de Candido que afirma que para se entender uma obra é necessário saber sobre o contexto em que ela surgiu, pois, conhecer o contexto histórico e literário no qual a obra veio, é de suma importância para que se possa entender a obra e, conseqüentemente, a construção dos personagens.

Candido (2006, p. 28-29) entende que a arte tanto é influenciada pela sociedade quanto a influencia e busca explicá-la, nos seguintes termos:

Neste ponto, surge uma pergunta: qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Assim poderemos chegar mais perto de uma interpretação dialética, superando o caráter mecanicista das que geralmente predominam. Algumas das tendências mais vivas da estética moderna estão empenhadas em estudar como a obra de arte plasma o meio, cria o seu público e as suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas. [...] Este estudo abordará de preferência o primeiro aspecto, — sem desdenhar de todo o segundo, — começando por indagar quais são as possíveis influências efetivas do meio sobre a obra.

Nessa perspectiva, pode-se entender que a influência da sociedade e do contexto na obra aparece tanto na superfície de um texto (descrição de casas, roupas, hábitos e outros) quanto na caracterização das personagens (sua psicologia, seus preconceitos, ambições e outros), o que é facilmente perceptível na obra *Macunaíma*; tanto na construção do enredo, quanto na construção das personagens, ambos são influenciados pelo contexto social, que como visto anteriormente estaria passando por uma invasão bárbara cultural.

Assim, para ressaltar essa influência social na arte literária, Fernandes (2022, p. 55) aponta *Macunaíma* como fruto de um paradoxo central do Modernismo:

Embora tenha sido concebida como uma complexa reflexão acerca da realidade nacional, a análise acerca do contar histórias também constitui um dos elementos estruturadores da narrativa, o que lhe confere uma fisionomia metaficcional. É como se Mário empreendesse uma busca sobre como narrar histórias que se relacionam com um contexto cultural híbrido, onde o moderno convive com o primitivo, num país de contrastes, de contradições e ambiguidades insolúveis. A demolição do gênero já aponta para a ausência de caracterização da realidade focalizada, que engloba o ser brasileiro e sua cultura. A indefinição do caráter nacional é configurada no próprio corpo da narrativa, por meio do cruzamento de textos heterogêneos, cuja relação integrada de interdependência e complementaridade produz um intertexto ou um texto dialógico.

Como visto no trecho acima, a obra *Macunaíma* se relaciona com o contexto cultural e essa indefinição do caráter nacional presente no corpo da narrativa é uma característica do Modernismo, logo, conforme Fernandes (2022) aponta no trecho acima, *Macunaíma* acaba se tornando fruto de um paradoxo central do Modernismo.

A obra de Mário de Andrade carrega muitas características do dito período, por essas e outras coisas que se consagrou uma das obras mais conhecidas da época modernista.

Sanches Neto (2019, p.02) ao falar sobre a corrente Modernista, em relação à obra *Macunaíma*, também afirma que a obra é fruto de influências modernistas, assim, não sendo totalmente um projeto e criação pessoal de Mário de Andrade, visto que os modernistas trabalhavam em grupo: “Em movimentos literários fortes como o Modernismo, [...] as obras são construídas coletivamente. [...] Assim, poderíamos dizer que *Macunaíma* é mais uma construção do período modernista do que manifestação de um projeto pessoal.”. Desse modo, é essencial olhar os aspectos que estão presentes na obra, mas que são externos à história contada, estando ligados mais ao “como” do que ao “o que” se diz. A forma que o texto se apresenta ao leitor, naturalmente, demonstra as inclinações do autor, o que ele valoriza ou despreza. Sendo o autor “filho de seu tempo”, conhecer as correntes intelectuais que surgiram em sua época auxilia a compreender sua obra, assim como também se torna necessário conhecer o autor.

2.2 Mário de Andrade, pilar e arquiteto da identidade cultural modernista brasileira

Mário Raul de Moraes Andrade, mais conhecido por Mário de Andrade, nasceu em São Paulo em 1893, estudou no mesmo estado de nascimento e se formou no Conservatório Musical do qual seria professor de História da Música.

Começou sua carreira como poeta, lançando seu primeiro livro, "Há uma gota de sangue em cada poema", em 1917. No entanto, ele é mais conhecido por sua contribuição para o movimento modernista, especialmente através de sua participação na Semana de Arte Moderna de 1922, tido como um dos organizadores e líderes da Semana, que é considerada um marco na história da cultura brasileira.

Mário de Andrade desempenhou um papel importante na formulação da estética modernista brasileira e na promoção de uma identidade cultural nacional. Explorou temas relacionados à identidade brasileira, ao folclore e à cultura popular em suas obras, buscando criar uma literatura que fosse verdadeiramente brasileira, conforme aponta Carpeaux (2008, p. 2566):

Os modernistas brasileiros estavam diante de duas tarefas diferentes, igualmente importantes e dificilmente compatíveis; criar uma nova poesia e arte realmente nacionais, brasileiras, e empregar para tanto os recursos das vanguardas européias, da França e Itália [...], mas esses revoltados do Rio de Janeiro não teriam tido êxito sem o movimento anterior e melhor

organizado do modernismo de São Paulo, que já assustara os “burgueses” pela “Semana de Arte Moderna”, em 1922. O chefe foi Mário de Andrade: poeta experimental e prosador experimental, sabia conquistar a nova geração inteira e imprimir unidade à mistura de tendências que se reuniram no seu movimento [...] hostilidade à burguesia semicolonial e ao individualismo estético, embriaguez da grande cidade e interesse pelo folclore, abolição métrica tradicional e tendência para criar uma nova língua, a brasileira, diferente da portuguesa.

Assim, desenvolveu-se uma literatura com características nacionais. Mário de Andrade, como intelectual, destacou-se como poeta, romancista, contista, crítico literário, professor e pesquisador de manifestações musicais. Conhecia o folclore brasileiro como ninguém, tanto que suas obras, em especial *Macunaíma* retratam os mitos folclóricos das regiões brasileiras. Faleceu em 1945, na sua cidade natal, “tornando-se o grande intelectual, a figura mais importante da geração de 22” (GONZAGA, 1993, p. 177).

Mário de Andrade empreendeu uma jornada literária audaciosa com *Macunaíma*, sua obra-prima, que rompeu com as tradições literárias convencionais ao apresentar uma narrativa folclórica e mítica, rica em elementos da cultura indígena e afro-brasileira. A obra é tida como uma sátira à sociedade brasileira da época, abordando temas como identidade nacional, mitologia e a interação entre a civilização e a natureza. Conforme afirma Candido (2006, p. 126-127):

Mário de Andrade, em *Macunaíma* (a obra central e mais característica do movimento), compendiou alegremente lendas de índios, ditados populares, obscenidades, estereótipos desenvolvidos na sátira popular, atitudes em face do europeu, mostrando como a cada valor aceito na tradição acadêmica e oficial correspondia, na tradição popular, um valor recalcado que precisava adquirir estado de literatura.

O objetivo de Mário de Andrade, ao criar o personagem *Macunaíma*, era representar através dele o nacionalismo primitivista. Com isso *Macunaíma* acaba se tornando um personagem-multidão, pois ele carrega muitas características de um país multicultural.

Mário de Andrade quis um personagem que retratasse uma imagem autêntica do brasileiro, por isso juntou todas as culturas, costumes, crenças nacionais e identidades comportamentais em um personagem só, deixando alguns traços mais intensificados, como a sensualidade, erotismo, falta de caráter e a preguiça. Esses traços mais intensificados compõem a característica mais gritante de *Macunaíma* que é a estética grotesca e animalésca que aqui será discutida.

2.3 Macunaíma, a representatividade da distorção cultural no campo literário

Para entender melhor a temática abordada é necessário discutir a relação entre literatura, filosofia e sociedade; para isso, é importante retornar ao passado, mais especificamente durante a colonização do Brasil, quando houve a inserção do Cristianismo na cultura dos povos nativos, visto que eles eram tidos como incivilizados. Conforme Raft (2018, p. 21) aponta:

O princípio aristotélico formou o pensamento europeu que municiou os cristãos na colonização de novos continentes. Assim o europeu era o ser que é civilizado e “o indígena latino-americano o incivilizado para os invasores”. No cristianismo predominante na interpretação do mundo pelo ocidente com quase exclusividade até o século XIX, a identidade está diretamente ligada a Deus. “E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher.”.

Então, historicamente, desde a colonização, a religião, em particular a Católica, alicerçou a mentalidade literária e social, uma vez que tem influenciado, com seus postulados, desde os primeiros escritos do Brasil. Ao compreender isso, entende-se também que a sociedade ocidental está alicerçada na cultura cristã e de acordo com Santos (2012, p.13):

a cultura cristã ocidental que, enquanto cristã, se caracteriza por uma cosmovisão, que inclui os seguintes princípios: a) O universo é criatura, inclusive o homem; b) Os povos irmanizam-se pela mesma fé, e todos são iguais perante Deus; c) A divindade é providencial ou seja providência (tem uma vidência pro, vê, dispõe com antecedência o que pode acontecer, o possível histórico); d) O homem é um ser inteligente e livre, que pecou livremente; e) Contudo, pode salvar-se, graças a um mediador (Cristo), e pela livre escolha da salvação, ou por uma graça divina (gratuita ou não); f) A paz reinará quando a boa vontade dominar entre os homens, a vontade sadia, liberta dos vícios, que a condenam ao erro. Os princípios, acima descritos, são constituintes da espinha dorsal desta cultura.

Logo, em síntese, ele afirma que vivemos em uma cultura cristã ocidental que, enquanto cristã, caracteriza-se por uma cosmovisão de princípios específicos, ou seja, nossa cultura está estruturada e organizada em valores judaico-cristãos.

Após compreender que a sociedade ocidental tem como base a influência histórica cristã, Santos (2012, p. 13) afirma que “a destruição de nosso ciclo cultural se completaria com a quebra, ou melhor, a ruptura da tensão dos seis aspectos, acima citados, ameaçados, hoje, por todos os lados...”.

Quando Santos afirma que o eixo cultural e social está sendo ameaçado por todos os lados, ele também menciona que a invasão vertical bárbara na cultura adentra de forma desenfreada e agressiva nessa esfera por meio de variadas abordagens, utilizando técnicas refinadas de propaganda subliminar com o intuito de afetar e influir o subconsciente humano.

Santos (2012) teorizou sobre a animalização do homem e a corrupção da cultura do povo. Sua obra é um manifesto de denúncia que esclarece o quão disforme culturalmente o Ocidente vem se tornando nos últimos séculos. Esse processo de propaganda subliminar que influe no subconsciente humano se manifesta através das artes, sobretudo na literatura.

2.4 *Macunaíma*: uma abordagem grotesca e animalesca do Modernismo

Após conhecer o contexto histórico e literário, assim como também o autor, torna-se necessário aprofundar a discussão acerca da relação entre literatura, filosofia e sociedade, aprofundando os estudos de Santos (2012) acerca da animalização humana e da degeneração da cultura popular.

A teoria de Santos (2012, p. 14) expõe a distorção cultural que o Ocidente tem experimentado nos últimos séculos:

A invasão vertical bárbara neste setor manifesta-se de diversas maneiras, e usa dos mais requintados processos de propaganda subliminal, a fim de influir no subconsciente humano, de modo a colocar a inteligência em seus mais altos voos sob a égide da desconfiança e até da calúnia.

Essa distorção cultural é o resultado da influência subliminar que atua sobre o inconsciente humano e se manifesta ou se dissemina por meio das artes. Também Sanches Neto (2019) menciona que, durante toda a história dos movimentos literários, houve um mascaramento entre quem somos e quem gostaríamos de ser, ou seja, havia uma incapacidade das pessoas de aceitarem traços desviantes do caráter humano.

Assim, através da literatura houve uma noção de civilização sobre as vastidões selvagens dos sentimentos humanos, logo, todos os movimentos artísticos e literários eram tidos como sublimes que de acordo com Guerra (2018, p. 189): “Como um romântico, Hugo dá ênfase às polaridades, o Sublime ao que concerne a

divindade, e ao que ele chama de Grotesco cabe aquilo que o homem tem de mais baixo, a sua sombra, o seu lado animal, e justamente por isso ele se encontra em toda parte.”. Logo, para Guerra (2018), à luz de Hugo, o sublime seria o oposto do grotesco devido ao sublime referir-se à divindade e o grotesco refletir ao que há de mais baixo.

Com a chegada do Romantismo, começou-se a ruptura com o paradigma do belo e do sublime, porém somente no Modernismo, a ruptura com essas ideias se torna algo maior, assim, o grotesco na literatura entra em cena com mais intensidade. Acerca do sublime e grotesco Vitor Hugo (2007, p. 35-36) menciona:

Com efeito, na poesia nova, enquanto o sublime representara a alma tal qual ela é purificada pela moral cristã, ele representara o papel da besta humana. O primeiro tipo livre de toda mescla impura, terá como apanágio todos os encantos, todas as graças, todas as belezas; é preciso que possa criar um dia Julieta, Desdémona, Ofélia. O segundo tomará todos os ridículos, todas as enfermidades, todas as feiuras. Nesta partilha da humanidade e da criação, é a ele que caberão as paixões, os vícios, os crimes; é ele que será luxurioso, rastejante, guloso, avaro, pérfido, enredador, hipócrita; é ele que será alternadamente lago, tartufo, Basílio; Polônio, Harpagão, Bartolo; Falstaff, Scapino, Fígaro.

Assim, para Hugo (2007) o termo grotesco diz respeito àquilo que o homem tem de mais baixo, a sua sombra, o seu lado animal, e justamente por isso ele se encontra em toda parte.

Para Ledo (2019, p.42-43), o grotesco é um termo cujo sentido é amplo, que permite várias interpretações, mas em síntese “opõe-se ao clássico, possui múltiplos significados, de acordo com o contexto histórico e social no qual é produzido. Existem muitos grotescos. No entanto, ele é, geralmente, associado ao feio, ao cômico, ao baixo e disforme.” Logo, apesar do termo grotesco ter um sentido amplo, o seu significado está associado ao feio, situações disformes, e ao oposto do sublime e belo.

Em uma das caracterizações do termo grotesco, Kayser (1968, p.24) afirma que o grotesco vinha a ser designado como: “a mistura do animalesco e do humano, o monstruoso como a característica mais importante do grotesco[...] O monstruoso, constituído justamente da mistura dos domínios, assim como, concomitantemente, o desordenado e o desproporcional surgem as características do grotesco[...]”. Ao mencionar a história da evolução do termo grotesco assim como suas definições ao longo dos séculos, Kayser (1968, p.14) afirma que: “na verdade, o conceito de grotesco ficou arrastando-se através dos livros de Estética como subclasse do cômico, ou, mais precisamente, do cru, baixo, burlesco, ou então, do cômico do mau gosto.”.

A expressão “cômico do mau gosto”, como uma conceituação do termo grotesco, retoma uma das características da obra *Macunaíma* que é a comicidade, conforme aponta Silva (2020, p. 9) ao falar do prefácio da obra: “No prefácio da obra *Macunaíma* Mário de Andrade evoca as suas ideias acerca da elaboração do romance, o que vem confirmar o seu aspecto mítico, fantasioso, inventivo, cômico e lendário acerca do Brasil”.

Sanches Neto (2019, p. 11-12) também fala sobre a comicidade de *Macunaíma* quando diz que a obra traz retratos risíveis ao retratar o lado negativo do homem brasileiro: “A sua raiz é paródica. Avesso a uma ideia triunfal do homem brasileiro, o livro o vê a partir daqueles elementos tidos como negativos. Se há uma crítica ao caráter nacional nestes retratos risíveis, há também uma aceitação pelo humor daquilo que somos.”. Logo, quando se fala na aceitação pelo humor dos elementos tidos como negativos, há uma concretização da influência educativa que atua sobre o inconsciente humano e que se manifesta por meio das artes, especialmente na literatura, apontada por Santos (2012).

Assim, a obra *Macunaíma*, fruto do Modernismo, adquire diversas características da estética grotesca e uma delas é o lado animal e bárbaro do homem, assim, mais uma vez, torna-se necessário retomar os estudos de Santos que se encarregam da invasão bárbara no campo da afetividade e da sensibilidade, e da invasão na vida intelectual. Ambas têm como pressuposto a valorização de tudo que afirme animalidade no homem.

De acordo com Santos (1965, p. 107), “ANIMALIDADE - a) Conjunto dos caracteres que constituem o animal. b) Usado em oposição à inteligência quanto ao homem, centralizando a animalidade nos instintos, a quem a razão cabe em parte dirigir e dominar.”. Ou seja, a animalidade é tudo aquilo que caracteriza e define os animais irracionais e quanto ao humano, ocorrem na demonstração do lado instintivo, a bestialidade.

Ainda sobre a conceituação de animalidade, de acordo com Nunes (2007, p. 282):

Na nossa cultura encontramos essa relação entre diferente e oposto [...] entre nós e o animal, ou entre nós e os primitivos. Com o animal, as relações são, sobretudo, transversais, ou seja, o animal é considerado o oposto do homem, mas ao mesmo tempo uma espécie de simbolização do próprio homem. Na acepção comum, simboliza o que o homem teria de mais baixo, de mais instintivo, de mais rústico ou rude na sua existência. Por isso mesmo

o animal para nós é o grande outro da nossa cultura, e essa relação é muito interessante como tópico de reflexão.

Sendo assim, a obra *Macunaíma* é repleta de referências a características e comportamentos animais que se manifestam tanto no protagonista quanto em outros personagens.

Mário de Andrade utiliza essas referências para destacar a natureza primitiva e instintiva do ser humano, que muitas vezes entra em conflito com as expectativas sociais e culturais, ou seja, com os princípios cristãos que alicerçam a construção da sociedade ocidental.

Assim, a animalidade humana é um tema central em *Macunaíma*, manifestando-se de diversas maneiras ao longo da narrativa. A obra explora a ideia de que os seres humanos, embora racionais, são também guiados por impulsos primitivos e instintos animais, como a falta de caráter e moral, assim como também o erotismo elevado presente no protagonista, conforme aponta Silva (2020, p. 28): “apontemos que o anti-herói de Mário apresenta-se como um brincalhão excessivamente erótico[...]”.

Ainda ao caracterizar *Macunaíma* como um anti-herói, Silva (2020, p. 34) explicita o porquê do protagonista não ser um herói:

Entendemos que criou-se um estereótipo arraigado de modelo clássico de herói, dotado de um determinado valor supremo, muito distante de ser aventureiro e dissimulado, preguiçoso, brincalhão excessivamente erótico, medroso, de mentalidade infantil e raivoso, etc., como observamos em muitos dos traços característicos da figura do nosso anti-herói Macunaíma.

O que Silva (2020) mencionou no trecho acima é evidenciado nas características e comportamentos do protagonista. Ao dar ênfase nas características animais do personagem *Macunaíma*, nota-se uma das mais marcantes que é a ausência de caráter, exposto por Silva (2020, p. 59) acerca do protagonista:

Outro modo de descrevê-lo é apontar que ele simplesmente não possui caráter psicológico, o que nos remete ao pensamento de Gilda de Mello e Souza (2003, p. 38), quando ela diz que o cérebro do herói permanece imaturo, preso aos esquemas lógicos do pensamento selvagem, ao evocar a anedota da cotia no romance-rapsódia[...]

Logo, ao analisar a obra como sendo uma abordagem grotesca advinda e influenciada pelo Modernismo, é necessário analisar também esse lado animal

que atravessa a construção dos personagens. Assim como também relacionar o papel das representações de animalidade humana e do lado degradante da humanidade na crítica à sociedade brasileira da época, visto que a animalidade e degeneração social em *Macunaíma* é algo complexo e multifacetado. Ambas as dimensões são exploradas de maneira crítica por Mário de Andrade, que as utiliza como meios de refletir sobre a natureza humana e a sociedade brasileira.

3. METODOLOGIA

Metodologicamente, a natureza desta pesquisa se dá através da abordagem qualitativa que, de acordo com Fontana (2018, p. 60):

a abordagem qualitativa não emprega instrumentos estatísticos como base para a análise. Ela é utilizada quando se busca descrever a complexidade de determinado problema – não envolvendo manipulação de variáveis ou estudos experimentais. Ela contrapõe-se à abordagem quantitativa uma vez que busca levar em consideração todos os componentes de uma situação e suas interações e influências recíprocas considerando uma visão/perspectiva holística.

Logo, esta pesquisa se caracteriza por não dar ênfase a dados numéricos ou a estatísticas, mas sim por ter como foco de estudo o fenômeno literário. Em outras palavras, ela envolve a interpretação ou explicação de parâmetros subjetivos.

Portanto, a abordagem qualitativa lida com fenômenos enquanto a quantitativa lida com fatos. Essa pesquisa se dá também através da abordagem exploratória que, de acordo com Freitas e Prodanov (2013, p. 51-52),

[...] tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso.

Em síntese, a pesquisa exploratória é caracterizada pelo seu foco no desenvolvimento e esclarecimento de ideias, visando proporcionar uma perspectiva ampla e um primeiro contato com um fenômeno que ainda não foi amplamente investigado.

Desse modo, esta pesquisa é qualitativa e exploratória, pois houve uma análise de dados bibliográficos, através deles se buscou compreender, interpretar e explicar determinados comportamentos, sentimentos, opiniões, contextos e afins.

Esta pesquisa também é bibliográfica, que conforme aponta Carvalho et al. (2019, p. 37) “utiliza fontes bibliográficas ou material elaborado, como livros, publicações periódicas, artigos científicos, impressos diversos ou, ainda, textos extraídos da internet.”, tendo em vista que o procedimento para realização da pesquisa ocorreu por meio da coleta de informações presentes em fontes bibliográficas, considerando que se baseia em livros e artigos que contemplam e justificam a temática.

Em suma, além de ser qualitativa e exploratória é também bibliográfica, pois o procedimento para realização da pesquisa foi através da coleta de informações de materiais e métodos bibliográficos publicados por diversos autores, comparando as fontes mencionadas no referencial teórico e, assim, analisando o objeto de estudo através desses diferentes pontos de vista e opiniões, mediante os objetivos estabelecidos.

Para realização desta pesquisa foram utilizados arquivos bibliográficos, como revistas, artigos e livros que corroborem com essa temática, como os materiais bibliográficos produzidos por: Andrade (2021), Santos (2012), Candido (2006), Fernandes (2022), Sanches Neto (2019), Silva (2019), Hugo (2002), e outros.

O corpus de análise recaiu sobre a obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, buscando evidenciar a representação da animalidade humana e o seu lado degradante, assim foi analisada a representação de características animais, grotescas e afins, presentes na construção dos personagens, e relacionar o papel das representações de animalidade humana e do lado degradante da humanidade na crítica à sociedade brasileira da época.

4. MANIFESTAÇÕES DA ANIMALIDADE HUMANA EM MACUNAÍMA

Macunaíma foi escrita em 1926 e publicada em 1928, contém dezessete capítulos e um epílogo, sendo considerada a obra mais importante e conhecida de Mário de Andrade.

O autor narra as aventuras dos personagens, em especial *Macunaíma* que dá nome à obra que é caracterizada como uma rapsódia³, tendo uma linguagem totalmente desvinculada da norma culta, que é uma característica da corrente literária na qual está inserida.

Mário de Andrade, ao criar o personagem *Macunaíma*, representou, através dele, o nacionalismo primitivista e, com isso, *Macunaíma* acaba se tornando um personagem de múltiplas facetas, visto que carrega muitas características de um país multicultural, como a presença do indianismo, traz aspectos mágicos da cultura afro-brasileira, misticismo, mitologia folclórica e muitas outras.

Mário de Andrade desenvolveu um personagem que retratou uma imagem autêntica do brasileiro, por isso juntou todas as culturas nacionais, costumes, crenças e identidades comportamentais em um personagem só, tornando alguns traços mais intensificados, como a sensualidade, erotismo e a falta de caráter. Esses traços mais intensificados compõem a característica mais exposta de *Macunaíma*, que é a estética grotesca e animalesca que aqui será discutida e analisada.

Além de analisar as características grotescas e animalescas dos personagens, em especial o protagonista, analisou-se também a correlação que há entre a animalidade humana e a degeneração social a partir das características presentes na construção das personagens, assim como buscou-se analisar a crítica à sociedade presente na obra a partir das representações e caracterizações já mencionadas.

4.1 Esboço da personagem *Macunaíma*: características norteadoras da animalidade

A obra é repleta de referências a características e comportamentos animalescos que se manifestam tanto no protagonista quanto em outros personagens. Mário de Andrade utiliza essas referências para destacar a natureza primitiva e instintiva do ser humano, que muitas vezes entra em conflito com as expectativas sociais e culturais.

³ O termo “rapsódia” vem da literatura e quer dizer “recitação de poema”. Trata-se de fragmentos ou citações de cantos épicos ou de qualquer composição poética ou folclórica. Isto é, a palavra rapsódia pode ser usada de forma mais ampla para se referir a uma obra literária ou musical de caráter épico, livre e expressivo, geralmente associado a uma combinação de diferentes elementos ou estilos.

Segundo Santos (2012, p. 13-14), vivemos em uma cultura cristã ocidental que, enquanto cristã, se caracteriza por uma cosmovisão de princípios cristãos, ou seja, nossa cultura está estruturada e organizada em valores bíblicos cristãos e que:

A presença vertical do bárbaro na sociedade culta manifesta-se também por essa luta que, em nossa época, toma os aspectos mais variados e também os mais amplos, tais como: Valorização de tudo quanto em nós afirma a animalidade: Não é mais possível pôr seriamente sobre a mesa de discussão, dúvidas quanto à animalidade do homem, nem que é ele possuidor de uma mente que o torna especificamente distinto de todos os outros animais terrestres, pois é um animal que não só é capaz de avaliar valores (os animais também dispõem de uma capacidade estimativa), mas de captar valores enquanto tais, valores possíveis, valores a serem criados, bem como de construir conceitos, e de estruturar toda uma ciência especulativa sobre esses conceitos, a qual, quando bem ordenada, alcança as leis que regem todas as regiões do ser, e são válidas em todas as esferas da realidade, o que é supinamente escandaloso para aqueles que desejariam que o Cosmos fosse o Caos, e que nenhuma inteligência houvesse regendo as coisas.

Santos (2012) ao trazer à luz a “valorização de tudo quanto em nós afirma animalidade” e correlacionando à obra aqui em análise, pode-se perceber essa valorização no personagem *Macunaíma* que, apesar de ter valores questionáveis, é tido como herói: “No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente” (ANDRADE, 2021, p. 7), e logo vai se concretizando o exposto acima, quando o herói sem nenhum caráter se torna o herói da nossa gente.

Outro ponto que expõe a barbaridade do personagem principal, logo na primeira página da obra é: “O divertimento dele era decepar cabeça de saúva.” (ANDRADE, 2021, p. 7) logo, nota-se que desde criança que o personagem *Macunaíma* já tinha instintos bárbaros ao se divertir fazendo coisas bárbaras e que até quando ia dormir sonhava com atos impróprios: “Então adormecia sonhando palavras-feias, imoralidade estrambólicas e dava patadas no ar” (ANDRADE, 2021, p. 8). Tais características bárbaras, ao passar dos anos, foram evoluindo.

Seu erotismo desenfreado, característica tida como animalesca, manifestava-se também desde a infância: “No mocambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela...” (ANDRADE, 2021, p. 7).

Sabendo disso, podemos ver essas características animalescas e a quebra de valores cristãos na cultura ocidental, mencionados por Santos (2012), que regem nossa sociedade logo no primeiro capítulo do livro:

A moça botou Macunaíma na praia, porém ele principiou choramingando, que tinha muita formiga!... e pediu pra Sofará que o levasse até o derrame do morro lá dentro do mato. A moça fez. Mas assim que deitou o curumim nas tiriricas, tajás e trapoerabas da serrapilheira, ele botou corpo num átimo e ficou um príncipe lindo. Andaram por lá muito. Quando voltaram pra maloca a moça parecia muito fatigada de tanto carregar piá nas costas. Era que o herói tinha brincado muito com ela... (ANDRADE, 2021, p. 8)

Como exposto acima, nota-se o tipo de conduta animalesca que é o erotismo desenfreado que caracteriza o personagem, que para tirar vantagem e satisfazer-se não leva em consideração o fato de Sofará ser sua cunhada. Não só Sofará, mas *Macunaíma* mantinha relações sexuais com todas as namoradas de seu irmão Jiguê: “Quando Suzi se vestia pra ir na feira, assobiava o fox-trote da moda pro namorado ir também. O namorado era Macunaíma, ia. A companheira de Jiguê saía e Macunaíma saía atrás. Andavam brincando por aí e quando chegava a hora da volta já não tinha macaxeira mais na feira[...]” (ANDRADE, 2021, p. 98). Assim, pode-se notar a falta de caráter do “herói”, ao brincar⁴ com todas as namoradas que Jiguê arrumava, sem ao menos se sentir arrependido pelo fato de estar tendo relações sexuais com suas cunhadas.

Macunaíma, desde muito novo, sofre de uma pulsão erótica que não conhece barreira. Ele pratica atos sexuais com mulheres mais velhas, e como pode ser visto na citação acima, pratica atos sexuais até com sua cunhada, ou seja, característica própria de um ser que não conhece barreiras e nem segue princípios que regem a sociedade.

Podemos observar mais um pouco de outro ato tido como próprio do animal no personagem *Macunaíma*, no capítulo dois, onde ele pratica o canibalismo ao estar com muita fome e aceitar comer carne da perna de Currupira:

Vagamundou de déu em déu semana, até que topou com o Currupira moqueando carne, acompanhado do cachorro dele Papamel. E o Currupira vive no grelo do tucunzeiro e pede fumo pra gente. Macunaíma falou: – Meu avô, dá caça pra mim comer? – Sim, Currupira fez. Cortou carne da perna moqueou e deu pro menino... (ANDRADE, 2021, p. 13)

Logo, ao comer a carne da perna de um outro personagem, tido como personagem racional dentro da narrativa, configura-se como canibalismo, ato de um ser animal.

⁴ O termo brincar exposto frequentemente na obra refere-se a relações sexuais.

De acordo com Santos (2012, p. 20), “O espantoso é a supervalorização do crime violento[...] A figura do criminoso é acentuada de tal forma que se torna exemplar...” e pode-se ver essa valorização do crime violento e de uma conduta animalesca, no sexo forçado, no estupro, quando *Macunaíma* praticou isso com a personagem Ci, quando ela se nega violentamente a não ter relações sexuais com ele e ele, com a ajuda de seus irmãos, dominou Ci, assim, “brincando” com ela, tornando-se “o novo Imperador do Mato-Virgem”:

O herói se atirou por cima dela pra brincar. Ci não queria. [...] Foi um pega tremendo e por debaixo da copada reboavam os berros dos briguentos diminuindo de medo os corpos dos passarinhos. O herói apanhava. Recebera já um murro de fazer sangue no nariz e um lapo fundo de txara no rabo. [...] Afinal se vendo nas amarelas porque não podia mesmo com a icamiaba, o herói deitou fugindo chamando pelos manos: – Me acudam que sinão eu mato! me acudam que sinão eu mato! Os manos vieram e agarraram Ci. Maanape trançou os braços dela por detrás enquanto Jiguê com a murucu lhe dava uma porrada no coco. E a icamiaba caiu sem auxílio nas samambaias da serrapilheira. Quando ficou bem imóvel, Macunaíma se aproximou e brincou com a Mãe do Mato. Vieram então muitas jandaias, muitas araras vermelhas tuins coricas periquitos, muitos papagaios saudar Macunaíma, o novo Imperador do Mato-Virgem. (ANDRADE, 2021, p. 17-18)

Logo, ao cometer um crime violento contra Ci, ele se torna o “Imperador do Mato-Virgem”, confirmando a menção de Santos (2012), onde o criminoso ao cometer um crime violento, o mesmo é valorizado, com isso recebe até bonificações como neste caso, o título de Imperador do Mato-Virgem.

Ainda sobre o trecho citado acima, percebe-se que o personagem *Macunaíma* utiliza outra característica do barbarismo sob a ótica de Santos (2012) que é a supervalorização da força sobre o Direito, ele utilizou da força bruta como algo superior ao direito da Ci de não querer ter relações sexuais com ele, isso se justifica e se caracteriza como uma atitude bárbara e animalesca, conforme aponta Santos (2012, p. 19), ao afirmar que “o direito da força supera a força do direito”.

A violência é outro tema recorrente na obra, evidenciando o lado degradante da humanidade. Os conflitos entre personagens, as batalhas épicas e os atos de crueldade são representativos da capacidade humana para a destruição e o caos, sendo um reflexo da natureza animal dentro de cada ser humano.

Nessa mesma linha, Santos (2012) menciona que a exaltação da força bruta e a violência também são uma forma animalesca de lidar com as situações e isso é visto no personagem *Macunaíma* de forma mística, no capítulo sete, onde *Macunaíma*

resolveu ir ao Rio de Janeiro para participar de uma macumba da tia Ciata, na qual o Exu diabo poderia surgir e ajudá-lo. *Macunaíma* pediu uma vingança contra Venceslau, Exu trouxe para seu corpo o espírito do próprio Piaimã (outra forma de chamar Venceslau) e permitiu que o herói desse nele uma surra. *Macunaíma* massacrou o incorporado com golpes e maldições:

E o herói pediu que Exu fizesse sofrer Venceslau Pietro Pietra que era o gigante Piaimã comedor de gente. Então foi horroroso o que se passou. Exu pegou três pauzinhos de erva-cidreira benta por padre apóstata, jogou pro alto, fez encruzilhada, mandando o eu de Venceslau Pietro Pietra vir dentro dele Exu pra apanhar. Esperou um momento, o eu do gigante veio, entrou dentro da fêmea, e Exu mandou o filho dar a sova no eu que estava encarnado no corpo polaco. O herói pegou uma tranca e chegou-a em Exu com vontade. Deu que mais deu. Exu gritava: – Me espanca devagar Que isto dói dói dói! Também tenho família. E isto dói dói dói! Enfim roxo de 8 pancada sangrando pelo nariz pela boca pelos ouvidos caiu desmaiando no chão. E era horroroso... (ANDRADE, 2021, p. 49-50)

Seguindo a filosofia de Santos (2012, p. 29-30), além de se configurar como uma atitude animalesca, devido à exaltação da força bruta e a violência, também é tido como um ato bárbaro, pois exalta os credos primitivos:

Outro aspecto que revela a barbarização é a floração crescente dos credos primitivos. As religiões dos ciclos culturais inferiores, a maneira primária de conceber a divindade, os rituais mais primitivos encontram campo livre, e apoio de multidões, e até de pessoas julgadas cultas. Em toda a parte, há o surgimento das crenças primitivas, os credos mais bárbaros. [...] Não basta fazerem-se citações bíblicas para despertar as almas e elevar os corações, se essas citações estão entremeadas de idéias falsas e de preconceitos primários, que produzem efeitos contrários aos desejados, chegando, como em alguns casos em nosso país, à prática de atos hediondos, de torturas, de sacrifícios pessoais, de mutilações graves, e de ações simplesmente criminosas.

Santos (2012) ao mencionar os credos primitivos como atitudes bárbaras, ele não está julgando religiões ou crenças e sim a prática de atos hediondos, sacrifícios, mutilações, etc. como visto no trecho acima quando Exu incorpora a alma de Venceslau Pietro Pietra e *Macunaíma* o massacra, mutila-o e pode ser visto também no trecho seguinte a continuação da agressão, onde ele faz muitas outras coisas horríveis com o incorporado:

Macunaíma ordenou que o eu do gigante fosse tomar um banho salgado e fervendo e o corpo de Exu fumegou molhando o terreno. E Macunaíma ordenou que o eu do gigante fosse pisando vidro através dum mato de urtiga e agarra-compadre até as grunhas da serra dos Andes pleno inverno e o

corpo de Exu sangrou com lapos de vidro, unhas de espinhos e queimaduras de urtiga, ofegando de fadiga e tremendo de tanto frio. Era horroroso. E Macunaíma ordenou que o eu de Venceslau Pietro Pietra recebesse o guampaço dum marruá, o coice dum bagual, a dentada dum jacaré e os ferrões de quarenta vezes quarenta mil formigas-de-fogo e o corpo de Exu retorceu sangrando empolando na terra, com uma carreira de dentes numa perna, com quarenta vezes quarenta mil ferroadas de formiga na pele já invisível, com a testa quebrada pelo casco dum bagual e um furo de aspa aguda na barriga. A saleta se encheu dum cheiro intolerável. E Exu gemia: – Me chifra devagar Que isto dói dói dói! Também tenho família E isto dói dói dói! Macunaíma ordenou muito tempo muitas coisas assim e tudo o eu de Venceslau Pietro Pietra agüentou pelo corpo de Exu. Afinal a vingança do herói não pôde inventar mais nada e parou. (ANDRADE, 2021, p. 50)

Como já exposto, *Macunaíma*, o protagonista, é frequentemente descrito com características animais. Ele é impulsivo, guiado por desejos e instintos, muitas vezes agindo de maneira egoísta e imprevisível. Muitas de suas ações são crimes, são ações animais e bárbaras.

Pode-se perceber essa valorização do criminoso quando mesmo ele fazendo coisas horríveis, a história é narrada com um caráter humorístico, cômico fazendo assim *Macunaíma* ser tido como o “herói da nossa gente”, devido a isso será analisado também o lado degradante da sociedade dentro da narrativa e como reflexo da narrativa, no campo real, visto que como discutido anteriormente ela é uma crítica social à sociedade da época.

4.2 A correlação entre a animalidade humana e a degeneração social

A representação da animalidade humana, na obra, está intrinsecamente ligada ao lado degradante da humanidade. *Macunaíma*, apesar de suas características “heroicas” e mágicas, muitas vezes age de maneira egoísta, desconsiderando as consequências de suas ações para os outros. Isso é visto em sua relação com as mulheres, onde seu desejo sexual o leva a tratá-las como objetos.

Um dos apontamentos de Santos (2012, p. 23), em sua filosofia, acerca da ruptura com a cultura social ocidental, é exploração sobre a sensualidade que:

Sob todos os aspectos, nas épocas de depressão ético-cultural, a sensualidade recebe um estímulo como em nenhuma outra. Mas o que caracteriza neste período de invasão vertical de bárbaros, que estamos vivendo, é uma exploração sem freios da sensualidade, que tem a seu favor a concupiscência do homem, e tem a estimulá-la certas facilidades de ordem

moral, certos costumes introduzidos, e uma publicidade que tenta alcançar os últimos limites...

Essa exploração da sensualidade, característica grotesca, também é vista na obra *Macunaíma*, quando o personagem *Macunaíma* vai a São Paulo com seus irmãos atrás da Muiraquitã⁵, ao chegar à grande cidade de São Paulo, o “herói” se depara com muitas cunhãs⁶, ou no contexto da menção, prostitutas:

Macunaíma campeou campeou mas as estradas e terreiros estavam apinhados de cunhas tão brancas tão alvinhas, tão!... Macunaíma gemia. Roçava nas cunhas murmurando com doçura: “Mani! Mani! filhinhas da mandioca...” perdido de gosto e tanta formosura. Afinal escolheu três. Brincou com elas na rede estranha plantada no chão, numa maloca mais alta que a Paranaguara. Depois, por causa daquela rede ser dura, dormiu de atravessado sobre os corpos das cunhas. E a noite custou pra ele quatrocentos bagarotes. (ANDRADE, 2021, p. 30-31)

Assim, a exploração da sensualidade consiste no ato da prostituição, quando *Macunaíma* “brincou” com as cunhãs por “quatrocentos bagarotes”. A exploração sexual também é afirmada pelo personagem na sua carta para as Icamiabas, quando *Macunaíma* diz:

Sabereis mais que as donas de cá não se derribam a pauladas, nem brincam por brincar, gratuitamente, senão que a chuvas do vil metal, repuxos brasonados de champagne, e uns monstros comestíveis, a que, vulgarmente, dão o nome de lagostas. (ANDRADE, 2021, p. 59)

Essa exploração sexual, desvalorização da mulher, é tida como algo grotesco, baixo, tratando-se dos princípios da cultura ocidental aqui já mencionados. Além do exposto, pode-se reforçar também outro ponto visto, o ato animalesco e violento do personagem, quando ele afirma que: “Sabereis mais que as donas de cá não se derribam a pauladas[...]” isto é, reforça a afirmação de que o personagem comete atos violentos como o ato sexual forçado.

Santos (2012, p. 24), ao falar sobre a exploração da sensualidade, também menciona sobre a disseminação e multiplicação de vícios, tidos como uma prática baixa:

⁵ Os muiraquitãs são pequenos amuletos de pedra verde, na obra, o mesmo tem muita importância para o personagem principal, Macunaíma, devido ao fato de que Ci, companheira de Macunaíma, ter dado o amuleto a ele antes de se tornar estrela;

⁶ Mulher jovem.

Não cremos que nem as igrejas organizadas, sob as mais diversas crenças, nem pais e mestres honestos e decentes em ação, seriam capazes de evitar a multiplicação de tais negócios, que prosperariam, pois as más idéias, como as más práticas, como o vício, tendem a progredir com mais intensidade do que a virtude, porque é mais fácil ser vicioso do que virtuoso, e por ser grande parte da humanidade pusilânime e até covarde.

Essa junção de vícios mais a exploração da sensualidade é visto também no relato de *Macunaíma* na carta que escreveu pras Icamiabas:

Bem podereis conceber, pois, quanto hemos já gasto; e que já estamos carecido do vil metal, para brincar com tais difíceis donas. Bem quiséramos impormos à nossa ardida chama uma abstinência, penosa embora, para vos pouparmos despesas; porém que ânimo forte não cedera ante os encantos e galanteios de tão agradáveis pastoras! (ANDRADE, 2021, p. 60)

Desse modo, pode-se notar o quão viciado sexualmente o protagonista é, o mesmo vício o leva a cometer crimes e ao ir para o centro urbano, cidade de São Paulo, onde as “donas” não “brincam” gratuitamente, logo, *Macunaíma* escreveu a carta para as Icamiabas para pedir a elas que mandassem Cacau, para que o mesmo pudesse trocar pela moeda local, para ter mais dinheiro para então manter o seu vício sexual, visto que o mesmo afirma que não consegue controlar a abstinência sexual.

Uma característica da degeneração social cultural é o problema ético que, de acordo com Santos (2012, p. 50):

O que caracteriza a ética culta e civilizada é a sua fundamentação na prudência como hábito reiterado do saber (virtude é um hábito reiterado e bom), do conhecimento dos princípios, meios e fins, e inclui, subordinadamente, a sabedoria, a ciência, a filosofia, etc. Funda-se na moderação, no manter-se equilibradamente entre os excessos contrários, pois o vício, como hábito continuado do que é mau, pode surgir, também, de uma virtude tomada em excesso. [...] O homem verdadeiramente culto sabe dosar seus atos. O bárbaro, não. Este se deixa arrastar pelos excessos da coragem que o levam à temeridade, à audácia; aos excessos da prudência, que o tornam astucioso, manhoso; aos desvios da justiça, que o tornam cruel, inclemente; aos desvios da moderação, que o levam à ira, à cólera, à destruição.

Esse problema ético é uma característica do personagem *Macunaíma*, visto que tem valores e moral questionáveis, onde até seus irmãos concordavam e compreendiam o quão sem caráter o protagonista é: “Maanape ficou zangado e foi falar com Jiguê. Mas Jiguê também já vinha pra falar com Maanape. Se encontraram no corredor. Maanape contou pra Jiguê e Jiguê contou pra Maanape. Então eles verificaram que Macunaíma era muito safado e sem caráter.” (ANDRADE, 2021, p.

100). Ainda sobre a ética ou a falta de ética do protagonista, pode-se verificar essa quebra ética e moral do personagem quando ele deixa o seu vício sexual sobressair a sua promessa feita a Vei, a Sol:

— Meu genro: você carece de casar com uma das minhas filhas. O dote que dou pra ti é Oropa França e Bahia. Mas porém você tem de ser fiel e não andar assim brincando com as outras cunhas por aí. Macunaíma agradeceu e prometeu que sim jurando pela memória da mãe dele. [...] Nem bem Vei com as três filhas entraram no cerradão que Macunaíma ficou cheio de vontade de ir brincar com uma cunha.[...] Macunaíma piscou pra ela e os dois vieram na jangada brincar. Fizeram. Bastante eles brincaram. Agora estão se rindo um pro outro. (ANDRADE, 2021, p. 55 -56)

A falta de caráter do personagem e a ausência de ética devido ao seu vício sexual podem ser vistos mais uma vez na quebra de promessa que fez a seu irmão Jiguê, quando o mesmo pede para que *Macunaíma* não “brincar” com sua namorada Suzi e mesmo prometendo, *Macunaíma* acaba cedendo ao seu vício:

Jiguê emprenhava pelas oiças mesmo, foi logo pegando na espingarda e falou: – Então vou porém mano jura primeiro que não brinca com minha obrigação. Macunaíma jurou pela memória da mãe que nem olhava pra Suzi. Então Jiguê tornou a pegar na espingarda-pá e na faca de ponta-tá tatatá e partiu. Macunaíma nem bem Jiguê virou a esquina ajudou Suzi abrindo os embrulhos e botando uma toalha de renda famosa chamada “Ninho de Abelha” cujo papelão fora roubado em Muriú do Ceará-Mirim pela danada Geracina da Ponta do Mangue. Quando tudo ficou pronto os dois pularam na rede e brincaram. Agora estão se rindo um pro outro. (ANDRADE, 2021, p. 99-100)

Logo, o trecho acima confirma um desvio de caráter do personagem que não se importa de quebrar promessas, onde a prioridade é a sua satisfação sexual inata.

Ainda se tratando do problema ético, Santos (2012, p. 51) menciona que:

A ética do bárbaro é a ética do dente por dente, do olho por olho. E a ética da vingança, é a norma do que deseja apenas o castigo, do sádico que só se satisfaz ao ver o adversário morder o pó da derrota. Não é o que vence e dá a mão para levantar o vencido. Não é o que busca a solução que o tornará amigo de seus semelhantes. Não é o que ama, mas o que odeia.

Assim, como já visto, a violência é um tema recorrente na obra, evidenciando o lado degradante da humanidade. Os conflitos entre personagens, as batalhas épicas e os atos de crueldade são representativos da capacidade humana para a destruição e o caos, isso demonstra o reflexo da natureza animal dentro de cada ser humano.

Para mais, essa ética bárbara do dente por dente se encaixa, mais uma vez, no protagonista, visto que durante o conflito dele com Venceslau Pietro Pietra, só prosseguiu por conta da força de vingança que permanecia em *Macunaíma*: “No outro dia o tempo estava inteiramente frio e o herói resolveu se vingar de Venceslau Pietro Pietra dando uma sova nele pra esquentar.” (ANDRADE, 2021, p. 44) Mais adiante, no mesmo capítulo, *Macunaíma* reforça o seu desejo inato de vingança, quando pede para Exu incorporar Venceslau: “Macunaíma queria Exu só pra se vingar de Venceslau Pietro Pietra” (ANDRADE, 2021, p. 47). Assim essa força de vingança que movia *Macunaíma* contra Venceslau foi concretizada quando o mesmo foi à macumba pedir ajuda a Exu.

A ética bárbara do dente por dente se encaixa, do olho por olho, se enquadra também em outros personagens, como no episódio em que Vei, a Sol deseja se vingar do protagonista, devido ao fato de *Macunaíma* ter quebrado a promessa feita a ela e não ter se juntado a uma de suas filhas, então para se vingar, sabendo do desejo sexual inato do personagem, o aquece para que o mesmo sinta vontade de entrar na água para “brincar” com a Uiara:

Vei, a Sol, escorregava pelo corpo de Macunaíma, fazendo cosquinhas, virada em mão de moça. Era malvadeza da vingarenta só por causa do herói não ter se amulherado com uma das filhas da luz. A mão de moça vinha e escorregava tão de manso tão! no corpo... Que vontade nos músculos pela primeira vez espetados depois de tanto tempo! Macunaíma se lembrou que fazia muito não brincava. (ANDRADE, 2021, p. 135)

Macunaíma então cai na armadilha de Vei, saindo destruído do lago, e Vei comemora a vingança:

E o herói indeciso, vai-não-vai. Sol teve raiva. Pegou num rabo-de-tatu de calorão e guascou o lombo do herói. A dona ali, diz-que abrindo os braços mostrando a graça fechando os olhos molenga. Macunaíma sentiu fogo no espinhaço, estremeceu, fez pontaria, se jogou feito em cima dela, juque! Vei chorou de vitória. [...] Quando Macunaíma voltou na praia se percebia que brigara muito lá no fundo. [...] Estava sangrando com mordidas pelo corpo todo, sem perna direita, sem os dedões sem os cocos-da-Baía, sem orelhas sem nariz sem nenhum dos seus tesouros. Afinal pôde se erguer. Quando deu tento das perdas teve ódio de Vei. (ANDRADE, 2021, p. 135 -136)

Desse modo, após esses apontamentos, confirma-se a ausência de ética presente na construção das características dos personagens, assim como também outras mazelas citadas anteriormente.

4.3 A crítica à sociedade a partir das representações animais das personagens

A obra *Macunaíma* não apenas aborda a animalidade humana, mas também lança um olhar crítico sobre a sociedade, ao dar destaque a elementos que apontam para uma degeneração social, isto é, Andrade enfatiza e evidencia a partir do exposto uma desconstrução de valores tradicionais e sociais a partir das características animais das personagens.

Andrade revela isso em uma carta a Alceu Amoroso Lima escrita em 19 de maio de 1928 acerca da obra *Macunaíma*:

[...] Resolvi escrever porque fiquei desesperado de comoção lírica quando lendo o Koch Grünberg percebi que Macunaíma era um herói sem nenhum caráter nem moral nem psicológico, achei isso enormemente comovente nem sei porque, de certo pelo ineditismo do fato, ou por ele concordar um bocado bastante com a época nossa, não sei... [...] Mas se principio matutando um pouco mais sobre o livro que escrevi sem nenhuma intenção, me rindo apenas das alusões à psicologia do brasileiro que botava nele, principia surgindo tanto problema tratado, tanta crítica feita dentro dele que, tanto simbolismo até, que nem sei parece uma sátira tremenda. E não é não. Nem a caçoada [zombaria] vasta que faço da sensualidade e pornografia brasileira, tive intenção de fazer sátira. (Andrade in Fernandes, ([19--], p. 31 -32)

Logo, além das análises expostas, pode-se notar também a partir dessa carta os apontamentos do próprio autor sobre sua obra, mencionando o quanto o personagem é sem caráter, moral e psicológico.

Mário, ao desconstruir valores tradicionais, questiona a validade de normas sociais preestabelecidas, visto que o Modernismo tinha como objetivo a quebra de padrões. *Macunaíma*, como figura revolucionária na literatura, encarna a quebra de convenções, representando uma sociedade em processo de desintegração de normas antigas.

Para mais, como exposto na teoria da Sociocrítica, ela é consolidada por Andrade quando ele diz que o protagonista concorda bastante com a época da publicação da obra e quando mencionou na carta para Alceu que o personagem continha alusões à “psicologia do brasileiro” e que ao construir a narrativa o que mais interessava a Mário era saber sobre a identidade brasileira:

O que me interessou por Macunaíma foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional

dos brasileiros. Ora depois de pelejar muito verifiquei uma coisa me parece que certa: o brasileiro não tem caráter. Pode ser que alguém já tenha falado isso antes de mim porém a minha conclusão é (uma) novidade pra mim porque tirada da minha experiência pessoal. E com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral não em vez entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes na ação exterior no sentimento na língua na História na andadura, tanto no bem como no mal. (ANDRADE, 2019, 184-185)

Desse modo, ao construir a narrativa da obra *Macunaíma*, Mário pesquisou bem acerca da identidade nacional, e constatou que o brasileiro não tem caráter, logo fez o seu protagonista *Macunaíma* à luz da identidade brasileira.

A obra também traz consigo inúmeras críticas sociais disfarçadas de ironia e sátira em muitos trechos, a pornografia animalesca, como costumes, linguagem, etc. foi narrada em tom satírico e irônico para assim criticar aspectos da sociedade brasileira do século XX, conforme aponta Lopez (1974, p. 13): “a intenção de sátira em *Macunaíma* caminha paralelamente com o desejo de simbolizar a mentalidade brasileira, mas essa coexistência decepciona o autor que considera a sátira uma reação amarga, incapaz de corrigir os costumes.” E a sátira por si só já expõe certas características por meio da depreciação, conforme aponta Danzinger e Johnson (1974, p. 118): “a finalidade da sátira[...] é expor as fraquezas humanas, as pequenas loucuras ou os grandes vícios, em todas as esferas possíveis, desde a conduta social à política e à moral”. Logo, confirma-se esse simbolismo entre a sátira e a caracterização da sociedade brasileira a partir do risível.

Candido (2006) afirma que, para se entender uma obra, é necessário saber sobre o contexto em que ela surgiu, pois, conhecer o contexto histórico e literário no qual a obra veio, é de suma importância para que se possa entender a obra e, conseqüentemente, a construção dos personagens, assim como também conhecer o autor.

Por mais que uma obra seja fictícia, sem compromisso algum com a realidade, a mesma traz consigo alguns traços do mundo real, conforme aponta Amora (2008, p. 85): “[...] entre o conteúdo de uma obra literária e a realidade não há uma relação de igualdade, mas, indiscutivelmente de equivalência; e a este propósito não é demais lembrar que, no fim de contas, a supra-realidade [...]” Logo, entendamos que por mais que a obra seja fictícia, há sempre um reflexo da realidade na sua construção.

Após esses pressupostos, ao compreender isso acerca da obra em análise, Santos (2012, p. 25-26) fala sobre a disseminação do mau-gosto:

Foi sempre a educação do gosto (do bom gosto) uma das grandes preocupações cultas da humanidade, já que o bom gosto implica, necessariamente a capacidade de observar os valores, de apreciá-los de baixo de critérios justos e seguros de julgar. Mas salientam-se apenas os excessos ridículos, caricaturando-os. [...] No teatro exploram-se os temas mais mórbidos. Os estudos realizados pela psicologia em profundidade forneceram um copioso material para sub-inteligências criarem um teatro em que os heróis são desajustados, neuróticos, loucos morais, angustiados de todos os graus, temperamentos em frangalhos. Personalidades em decomposição, pessoas de caráter mal formado, situações das mais insólitas, intrigas que só a mente de um louco poderia criar, pois esse teatro está mais próximo dos hospícios que do bom senso, e tudo isso é apresentado como arte, como sublime arte.

Logo, a obra *Macunaíma* em si acaba se tornando um reflexo das ações de uma sociedade atacada pela disseminação do mau-gosto, a mesma reflete o mau-gosto assim como também ela ajuda a disseminá-lo. Santos (2012) deu destaque nessa disseminação, quando nos teatros, pode ser outro tipo de manifestação artística, exploram-se personagens com personalidades em decomposição, pessoas de mau caráter, heróis desajustados e outros e tudo isso é notório na construção da narrativa em análise.

Nesse mesmo sentido, Santos (2012, p. 35) também expõe acerca da influência do negativo:

A negatividade é própria de todo ser inteligente que é, por isso, apto a dizer não, a tomar a posição contrária a outra. Em si, a negatividade não é um mal, salvo quando se refere à recusa ao que é realmente positivo e construtivo, quando apoia a negação do que tem valor pela ausência do mesmo valor. Ora, o que se observa nos períodos de decadência dos ciclos culturais é o aumento desmedido da negatividade em relação aos principais valores. Tende-se a negar tudo quanto de superior o ciclo admirou e realizou. Há uma completa inversão da escala de valores e todos os setores são atingidos pela ação negativista. [...] A barbarização revela-se aí, ameaçando de abranger a totalidade da sociedade. A propaganda do negativismo é feita por todos os meios imagináveis, e nisto se esmeram, sobretudo, os sub-literatos...[...].

Essa influência do negativo pôde ser vista na explanação em torno do Modernismo e, conseqüentemente, nos frutos desse período, como a obra aqui em análise, considerada uma das maiores do período, assim como também a maior repercussão literária da época. A obra tanto é influenciada na sua criação como é capaz de influenciar posteriormente, logo o conteúdo abordado serve como influência, seja ela literária ou, cultural.

A obra *Macunaíma* é rica e multifacetada, explora as complexidades da identidade brasileira e critica os aspectos negativos da sociedade. Através de uma narrativa mítica e folclórica, Mário de Andrade nos convida a refletir sobre nossa própria natureza e a conhecer mais a cultura e identidade nacional, acometida pela invasão bárbara cultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar as manifestações de animalidade humana e degeneração social presentes na obra *Macunaíma*, assim como relacionar o papel das representações de animalidade humana e do lado degradante da humanidade, na crítica à sociedade brasileira da época.

A partir da análise da obra *Macunaíma* de Mário de Andrade e buscando relacionar trechos da narrativa com o viés filosófico, foi possível identificar como aconteceram as manifestações animaiscaas na construção dos personagens. A relação estabelecida entre a obra analisada e a teoria filosófica foi feita principalmente a partir de trechos da teoria de Santos (2012).

Com isso, torna-se notório que a característica animaisca se manifesta de diversas formas ao longo da obra, no entanto, muitas vezes, o leitor ingênuo apenas notará os aspectos explícitos na obra, isto é, os aspectos cômicos, deixando passar diante dos seus olhos uma interpretação mais aprofundada acerca da obra.

A representação da animalidade humana e a crítica à degeneração social são aspectos interligados na narrativa, revelando não apenas a proficiência literária de Mário de Andrade, mas também sua manifestação acerca da identidade cultural brasileira.

A animalidade de *Macunaíma* manifesta-se através de seus comportamentos instintivos. O protagonista, o herói sem nenhum caráter, ultrapassa a simplicidade de uma narrativa folclórica e mítica, oferecendo uma reflexão profunda sobre a dualidade entre racionalidade adquirida através de valores sociais e impulsos primitivos na experiência humana.

A crítica à degeneração social, entrelaçada com a representação da animalidade, aponta para a realidade social cultural do Brasil da época. A obra traz à

luz a natureza social, comportamental e cultural brasileira, provocando a reflexão sobre os rumos éticos do país.

Macunaíma ultrapassa as fronteiras da literatura, tornando-se uma obra essencial para a compreensão da identidade social cultural brasileira. Através da análise textual, interpretação crítica e a correlação com teorias filosóficas, esta pesquisa buscou evidenciar novos significados presentes na obra.

Espera-se que esta análise contribua não apenas para a apreciação da genialidade literária de Mário de Andrade, mas também para discussões mais amplas sobre a natureza humana e a sociedade acometida pela invasão bárbara cultural.

Assim, confirma-se que o texto literário, o campo literário, torna-se um suporte para tantas possíveis manifestações, sejam elas política, social e/ou cultural, aqui, neste caso, o texto literário se tornou um suporte para a propagação e reflexão acerca da animalidade humana e da degeneração social e cultural.

Macunaíma permanece não apenas como um marco do Modernismo brasileiro, mas como um convite à reflexão contínua sobre a interseção entre literatura, filosofia e a complexidade humana.

6 REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio S. **Introdução à teoria da literatura**. 11. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. 1. ed. Londrina, PR: Livrarias famílias cristãs, 2021. 152p.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter** / Mário de Andrade; organizadores: Miguel Sanches Neto, Silvana Oliveira. – Chapecó : Ed. UFFS, 2019.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. 199p.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. 3. ed. -- Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. 4 v.

CARVALHO, Luis Osete Ribeiro. DUARTE, Francisco Ricardo. MENEZES, Afonso Henrique Novaes. SOUZA Tito Eugênio Santos [et al.]. **Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância**. Petrolina-PE, 2019. 83 p. Livro digital.

DANZIGER, Marlies K.; JOHNSON, Wendell S. **Introdução ao estudo crítico da literatura**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

FERNANDES, M. L. O. Macunaíma e o paradoxo modernista. In: PIRES, A. D. **Na festa de nosso irmão Macunaíma: 90 anos depois, celebremos Mário de Andrade!** 1.ed. São Paulo - SP: Cultura Acadêmica, 2022. p. 43-62.

FONTANA, Felipe. Técnicas de pesquisa, Metodologia da pesquisa e do trabalho científico / Aline Vanessa Zambello {et al.}; organizador: Thiago Mazucato. Penápolis: FUNEPE, 2018, p. 59-77.

FREITAS, Ernani C.; PRODANOV, Cleber C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

GONZAGA, Sergius. **Manual de literatura brasileira**. 16. ed. [S.l.]: Mercado Aberto, 2001. 272p.

GUERRA, Milla Bioni. **Convergências entre o sublime e o grotesco na arte romântica**. Palíndromo, v.10 nº 21, p. 171-198, julho de 2018.

HUGO, Victor. **Do grotesco e do sublime**: tradução e notas de Célia Berrettini. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KAYSER, Wolfgang. **O Grotesco**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1986.

LEDO, Allan Cesar Dourado. **Configurações do grotesco nas histórias em quadrinhos de Lourenço Mutarelli** [recurso eletrônico]. Allan Cesar Dourado Ledo-2019. 1 arquivo eletrônico (163 f): PDF; 5,72 MB

LOPEZ, Tele Porto Ancona. **Macunaíma: a margem e o texto**. São Paulo, SP: Hucitec, 1974.

NETO, Miguel S; OLIVEIRA, Silvana. **Coleção Literatura Brasileira identidades em movimento**: Macunaíma o herói sem nenhum caráter de Mário de Andrade. 1.ed. Chapecó, SC: UFFS, 2019. 205p.

NUNES, Benedito. **O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura**. Apresentação de Jaime Larry Benchimol. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p. 279-290, dez. 2007.

RAFT, Gustavo Luz. **A construção da identidade nacional pela representação do indígena no mestiço antropofágico de Macunaíma**. Vitória 2018. Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo.

SANTOS, Mário F. dos. **Dicionário de filosofia e ciências culturais**. 1965. 1430p. disponível em:

https://www.academia.edu/39131922/Dicion%C3%A1rio_de_Filosofia_e_Ci%C3%A

[Ancias Culturais Mário Ferreira dos Santos](#). Acesso em: 17 de out. de 2023.

SANTOS, Mário F. **Invasão vertical dos bárbaros**. 1. ed. [S.l.]: É realizações, 2012. 168p.

SILVA, Sônia Regina da. **Macunaíma: A ética e o mito do “Brasileiro”** – 2020. – 117 f. Trabalho de conclusão de curso/Dissertação/Tese (Bacharelado/Licenciatura/Especialização/Mestrado/Doutorado em Curso). – Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
(X) Artigo

Eu, **Arlete de Sousa Rodrigues**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **O TEXTO LITERÁRIO COMO SUPORTE DA ANIMALIDADE HUMANA E DA DEGENERAÇÃO SOCIAL EM MACUNAÍMA** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 08 de março de 2024.

Arlete de Sousa Rodrigues
Assinatura